

DEZ ANOS SEM MILTON SANTOS

ROGÉRIO HAESBAERT e
CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

Universidade Federal Fluminense

Há pessoas que, em seu talento singular de interpretar o mundo, são capazes de marcar com sua trajetória toda uma mudança de perspectiva em nossas concepções de sociedade, de espaço e de tempo. Milton Santos, que nos deixou há exatamente dez anos, foi uma dessas pessoas. Sua capacidade de indignação, sua crítica mordaz, sua rica e cativante ironia, faziam de suas intervenções um misto de inquietude e reverência. Milton sintetizava como poucos um pensador das questões do seu tempo, a figura do intelectual engajado, tão rara nestes tempos onde falta ousadia e coragem para ver no mundo-que-aí-está outros mundos que podem vir a ser. Por isso ele nos faz tanta falta. Sua arguta intuição permitia-lhe pensar as grandes questões nacionais e mundiais, com o olhar de um geógrafo que acumulou experiências em vários contextos sociais, da França à Tanzânia, da Venezuela aos Estados Unidos.

Milton reunia ao mesmo tempo a capacidade de argumentação e refinamento teórico e a mais sensível intuição. Intuição que lhe permitiu criar e legitimar termos hoje incorporados por vários geógrafos e cientistas sociais, como “acumulação desigual de tempos” e “rugosidades” – para mostrar a história que perdura, materializada no espaço e interferindo, assim, nos processos subsequentes; “espaços opacos” e “espaços luminosos”, para distinguir a “iluminada” cidade dos ricos e a “opaca” cidade dos mais pobres; “verticalidades e horizontalidades” – para distinguir entre as lógicas verticalizadas e espacialmente descontínuas, sobretudo a do grande capital, e as lógicas mais horizontais, dos espaços contínuos, que seriam também os espaços de todos; o “tempo lento” dos pobres onde acreditava ser possível a reinvenção do humano nesse “meio técnico-científico-informacional” comandado pelos e para os “de cima”, com a velocidade competitiva que nega a solidariedade que o espaço do homem requer.

O legado de Milton, refletido em dezenas de livros, artigos de revistas e reflexões em jornais (foi colunista da Folha de São Paulo durante

vários anos), continua se reproduzindo – sendo a melhor prova disso a reedição recente de praticamente toda a sua obra. Repensar criticamente a organização do território foi seu maior legado – tanto numa reflexão a nível nacional (ele sempre, polemizando, acreditou no poder transformador do Estado) quanto a nível internacional (como quando proferiu uma de suas mais difundidas e inovadoras teorias, a dos dois circuitos – superior e inferior – da economia urbana). Bem podemos imaginar seu papel, hoje, na rediscussão da geopolítica mundial e dos rearranjos de poder – que são também rearranjos territoriais – em todas as escalas geográficas.

Milton nos faz falta porque era um pensador das grandes questões, um intelectual que ainda conseguia – muito provavelmente porque seu foco central era o espaço – refletir de maneira integrada sobre as diferentes dimensões e escalas de configuração da sociedade. Poucos são aqueles que conseguem, nos nossos dias, ter essa visão de conjunto, ao mesmo tempo construída sobre posições teóricas criativas, inovadoras, e posicionamentos políticos verdadeiramente críticos em relação à sociedade instituída.

Seu último livro – *Por uma outra globalização* – com título de manifesto, como é comum aos intelectuais que sabem que suas obras são ensaios de mundo, foi um dos belos encontros de um intelectual com os movimentos sociais de fundo posto que, à mesma época, surgia o slogan *Um outro mundo é possível* no Fórum Social Mundial, indicando que uma outra globalização não só era possível como já estava em andamento. *Eppur si muove ...*